

## ÍNDICE

Breve nota .....	9
Prefácio .....	11
Minha mãe, que lindas terras! .....	23
A pata rainha .....	28
Ai... ai... ai... .....	32
Coradinha .....	37
Joanico .....	45
O vento .....	56
A serpente .....	59
Maria-a-macha .....	65
O medo .....	71
Figuritos figurões .....	74
Mamá .....	79
A filha da feiticeira .....	85
O sonho do zagal .....	91
Tiroleto .....	94
A flauta mágica .....	101
O passarinho cantor .....	107
Prà terra dos meus avós! .....	112
Os príncipes gêmeos .....	120

## BREVE NOTA

As *Obras de Irene Lisboa*, na reedição empreendida pela Editorial Presença, são enriquecidas com a publicação de *Queres Ouvir? Eu Conto*; à semelhança do volume anterior — *Uma Mão Cheia de Nada, Outra de Coisa Nenhuma* —, acolhe-o uma coleção destinada especialmente aos mais novos, e acompanha-o um prefácio de Violante Florêncio. As ilustrações são de Manuela Bacelar, nome sobejamente conhecido na área da literatura para crianças e jovens.

Desta vez, trata-se de «histórias para maiores e mais pequenos se entreterem», no dizer da própria autora; ou seja, são histórias para ler ou para ouvir contar — histórias curtas, valorizando o diálogo ou a oralidade, histórias de mundos imaginados mas feitos à semelhança de outros que os leitores já conhecem de outros contos ou das suas vidas. Ou pelo menos de vidas de um tempo não muito distante, reavivando a memória de um país rural ressoando de lendas e costumes que se vão perdendo, e que a linguagem da Escritora persiste em guardar, ao mesmo tempo que nos aponta uma viagem pelos trilhos encantados da fantasia.

Possam os leitores de hoje, maiores e mais pequenos, querer ouvir quem lhes conta tais contos.

PAULA MORÃO

## MINHA MÃE, QUE LINDAS TERRAS!

**T**inham deitado um burro à margem, um burro velho. Que carga de ossos tão triste!

O seu dono, velho também, o senhor Joaquim, largou-o para as bandas da ribeira. Foi-se embora e nem uma palavra lhe disse: Fica-te! Triste! Qualquer coisa análoga, uma despedida. E o burro ajoelhou, de trôpego. Depois levantou-se e ainda afocinhou brandamente na erva fresca das bordas. Era tarde. O tempo alisara. O céu, muito alto, estava todo azul. E o Tonito, da parte baixa das regadas, despontou com as suas ovelhas e a meia dúzia de cabras. Cantava. Andava ansioso por uma gaita de beiços, e por isso cantava, para as *modas* lhe não esquecerem.

Olha, não querem lá ver? é o burro do Ti Joaquim! E arrumou-lhe uma pedrita, por brincadeira, a modo de se entreter. Pedrita que lhe acertou. E dali se pôs o burro a correr, a correr... E o Tonito sem poder fechar a boca de espanto. Não querem lá ver o burro velho do Ti Joaquim? De longe lhe arruma outra pedra. E o burro meteu-se à água.

Esta agora? Não querem lá ver? Que é do burro do Ti Joaquim? Desaparecera.

O Tonito já não quer saber das ovelhas nem das cabras. Eh! Ruço. Eh! Ruço. Este era o nome do burro. Ia o rapaz doido pelas bordas do rio, com os olhos perdidos

na água, quando vê dois pombos brancos, dois pombos sem igual, a bater as asas todas molhadas e a subir para o ar. E dois peixes mareados, sem igual também, a nadar contra a corrente, a subir e a levantar cachão.

Ai, minha mãe do céu! E o Tonito volta para trás. Junta o gado, pega na capa e caminha para a palheira.

A mãe chega-se e pergunta-lhe: então já tornaste?

Pois não havia de tornar? O burro do Ti Joaquim, o burro velho meteu-se à água.

E daí?

E dele saíram, que eu vi, dois pombos a voar e dois peixes a nadar.

Estás tolo, rapaz?

Estarei, estarei, mas com os meus olhos é que eu vi.

Dali em diante o Tonito tornou-se cismático. Ora ia com o gado para a ribeira, ora para a serra, para os altos. Consoante o tempo e as épocas. Teve a sua gaita de beiços, por uma ocasião de festas, mas nem a alegria assim lhe voltou.

E um dia, depois da ceia, começou a disrepear:

Se eu soubera, minha mãe, se eu soubera!

A mãe animava-o:

Se tu souberas o quê, rapaz?

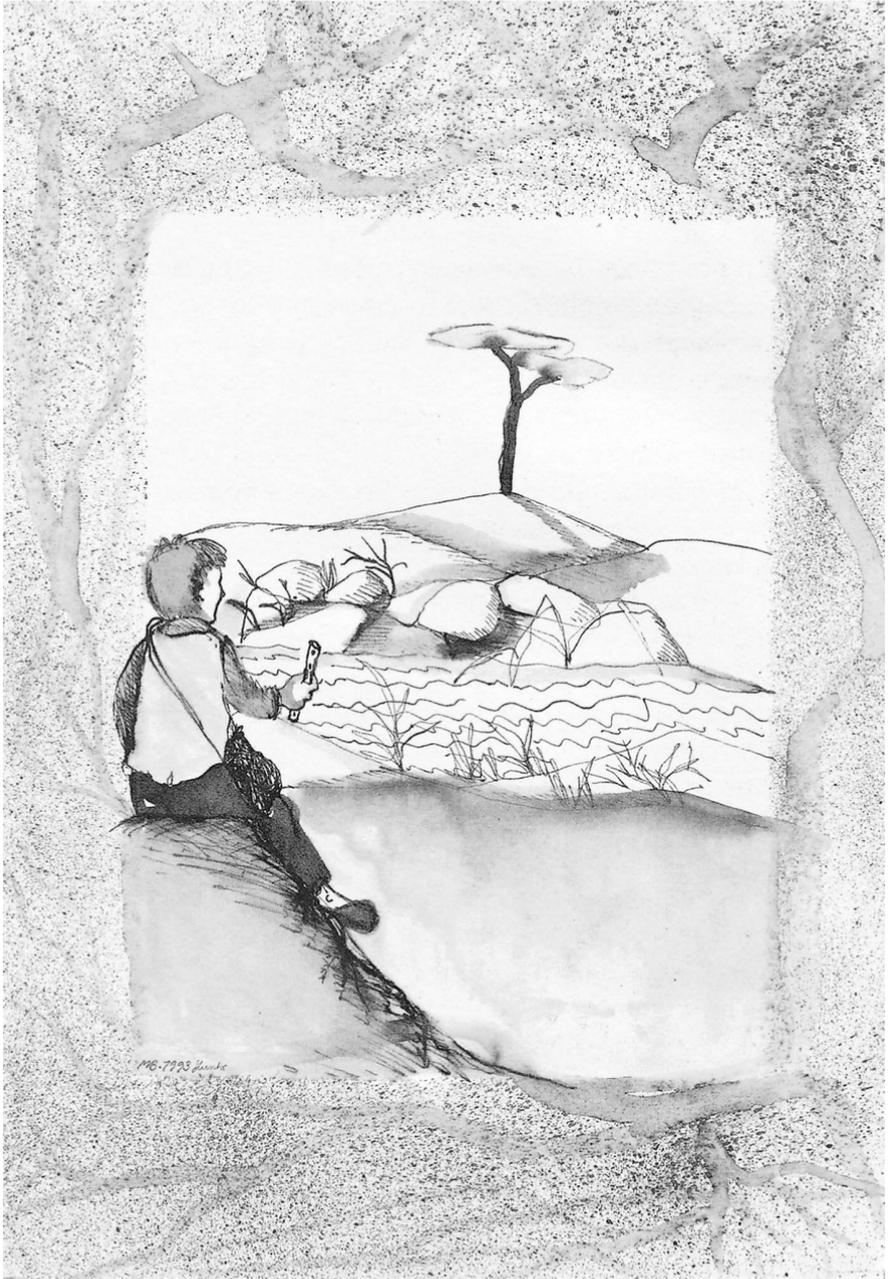
Mas ele não se adiantava.

De outras vezes dizia outras coisas:

Ai, minha mãe, que lindas terras!

Mas que terras são essas, filho?

Correu, por estas e outras maneiras do Tonito, cheias de mistério, que ele tinha achado o cavalinho de oiro moirisco, enterrado no monte de Alfátema e que a cavalo nele, quando as ovelhas estavam ao *rodeio*, dava um salto à Moirama.



Lindas terras eram as da Moirama, toda a gente sabia, tanto que as moiras encantadas choravam por elas.

Ai, minha mãe, que lindas terras! repetia cada vez mais amiúde o Tonito, até que um dia o gado voltou para o aprisco sem ele.

A mãe arrepelou-se, o pai deu a volta inteira à serra, mas do Tonito nem sombras. E por mais que o procurassem, que fossem e que viessem, dele nunca mais tiveram novas nem mandados.

E o povo ficou-lhe chamando o perdido sem remédio. Que tinha achado o cavalinho de oiro enterrado no Alfãtema e o tinha montado.

Adeus, Tonito, adeus!

Certo é que a terra se fez velha. Foram deitados muitos mais burros à margem, o próprio Tio Joaquim morreu, muitas casas caíram, poucas mais se levantaram, e os pais do Tonito passavam o seu tempo à boca da choupanita onde curtiam o resto da vida.

E ela dizia para ele: homem, lembra-te? Ai, minha mãe, que lindas terras! Não nos tornará cá ele?

Ai, não torna, não. Pois se ele sabia tudo! Que de um burro se gerecem pombos e peixes e que há terras muito melhores que a nossa.

E os dois velhos calavam-se, não sem que ela antes murmurasse: toleimas!

Mas arribou um dia um peregrino, roto e descalço, de barbas até à cinta, uma espécie de ermitão, que lhes pediu poisada.

Irmão, chegue-se ao lume. De onde é que vossemecê vem? E que novas traz?

Sou o dianteiro daquele que há de chegar.

Puseram-se os dois velhos a tremer.

Porque ele diz que não há terra mais linda que a sua. Que muito viu e que muito passou, desde criança até velho, mas que só as suas cabrinhas e a sua choupana lhe lembram, não tem mais saudades.

Pôs-se então a velhota a gemer: ai, minha mãe, que lindas terras!

E os três abraçaram-se.

E tudo foi lembrado: os pombos e os peixes e o cavali-nho do Alfátema. Riam-se os três velhos daquelas brincadeiras. E o mais novo deles, que era o filho, só dizia:

Não há pão como o caseiro, não há pão como o caseiro. Esta é a minha terra, outra mais linda não há.